# Gêneros da literatura em Libras: definidos pelo grau de ficção e pela forma

## Objetivo

Para compreender melhor a riqueza da literatura em Libras e a relação da literatura surda com a cultura surda, é útil vermos os diversos tipos de literatura em Libras que existem e pensar sobre gêneros literários. No capítulo 03, conhecemos um pouco sobre a ideia de um gênero literário. Neste capítulo, vamos refletir sobre gêneros literários em Libras, categorizados em função da veracidade (ou não) do conteúdo e de sua forma. No próximo capítulo, falaremos dos gêneros baseados em origem, conteúdo e público-alvo.

Para a leitura deste capítulo, vamos rever algumas obras as quais já assistimos e conhecer outras novas. Veja agora:

*[Animais (números](https://vimeo.com/showcase/6241328/video/348189766))*, de Juliana Lohn.

[*Arrumar, Passear...* *de A à Z Letras*](https://youtu.be/uciVF5oMqkc)*,* Jéssie Rezende (feito em colaboração com Fernanda Bonfim, Nayara Aparecida, Suzana Alves e Thainã Miranda).

[*Julgar a Prostituta*](https://youtu.be/SyG9yCkP_Qc)*,* de Maurício Barreto.

*[Lutas surdas](https://youtu.be/aOQx2YMj6Xc),* de Alan Henry Godinho.

*[Mãos em Fúrias](https://youtu.be/8sYWSq2pwhg" \t "_blank)*, por Eduardo Tótoli, Luciano Canesso Dyniewicz, Elissane Zimmerman Dyniewicz e Carlos Alexandre Silvestri, dirigido por Giuliano Robert.

*[Números em Libras](https://youtu.be/ad8k-rIq7Sw),* de Maurício Barreto.

*[Pássaro (números](https://vimeo.com/showcase/6241328/video/348080802)),* de Juliana Lohn.

*[V & V](https://vimeo.com/325444221),* de Fernanda Machado.

Vamos revisitar os seguintes poemas:

*[A Pedra Rolada](https://youtu.be/kPXWu5UCTzk),* de Sandro Pereira.

*[O Farol da Barra](https://youtu.be/VXcKgO-jD9A),* de Maurício Barreto.

*[Jaguadarte](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178461),* de Aulio Nóbrega.

*[Lei de Libras](https://vimeo.com/267274663/87da6783f2),* de Anna Luiza Maciel e Sara Theisen Amorim.

*[Leoa Guerreira](https://youtu.be/rfnKoCXmSg4),* de Vanessa Lima.

*[Meu Ser é Nordestino](https://www.youtube.com/watch?v=t4SLooMDTiw),* de Klícia Campos.

*[O Modelo do Professor Surdo](https://youtu.be/rverroKm8Bg),* deWilson Santos Silva.

*[Tinder](https://vimeo.com/267275098/a1289e263e),* de Anna Luiza Maciel.

## Alguns pensamentos sobre os gêneros literários em Libras

Uma definição de gênero destaca-o como um “tipo específico de texto de qualquer natureza, literário ou não, oral ou escrito, formal ou informal, caracterizado e reconhecido pela função específica e organização retórica mais ou menos típica, e pelo(s) contexto(s) onde é utilizado” (HEBERLE, 2011). Meurer e Dellagnelo (2008) citam exemplos de diversos gêneros textuais: “entrevista, convite, ata, aviso, programa de auditório, briga de namorados, bula, comédia, convênio, faroeste, filme de terror, crônica, editorial, ementas, *e-mail*, circular, contrato [...]”. (p.28)

Gêneros de literatura são um tipo específico dessa divisão, sendo caracterizados pelo uso da linguagem para entretenimento ou por destacar a linguagem criativa. Esses gêneros são divisões culturais; cada cultura categoriza a sua própria literatura a sua maneira. Isso acontece porque cada cultura valoriza e tem conhecimento de coisas diferentes; cada cultura usa a língua de forma particular e os seus membros têm experiências distintas daquelas de pessoas de outras culturas. Por isso, os gêneros de literatura em Libras não seriam necessariamente iguais aos gêneros de literatura em português brasileiro.

Tendo em conta todos esses elementos, podemos dizer que um gênero literário é uma **categoria** da produção artística linguística[[1]](#footnote-1) de uma cultura, caracterizada por similaridades em forma, estilo, assunto ou conteúdo e público-alvo. Além disso, a origem da literatura é uma base para se criar uma categoria ou um gênero. Ressaltamos que não existe uma forma certa ou errada de identificar, nomear e criar gêneros e que os sistemas de classificação mudam entre culturas, sociedades e épocas. O que serviu para os gregos antigos, por exemplo, ou para os franceses do século XVIII, não necessariamente serve para a literatura brasileira em português no início do século XXI e nenhum dos sistemas essencialmente ajudará em uma categorização dos textos em Libras.

Lembramos que os critérios para decidir o gênero de um texto em Libras não são tão bem definidos como são em português (nem são perfeitos dentro da própria língua portuguesa). A pesquisadora surda americana Cynthia Peters (2000) observa que os gêneros literários em línguas de sinais não se encaixam facilmente dentro dos gêneros literários criados para as línguas orais.

Apesar de todos os conceitos diferentes, podemos tentar identificar os gêneros de um texto literário da Libras conforme trata de verdade ou ficção, pela sua forma, pelo seu modo de apresentação, de acordo com seu tema, sua origem e seu público-alvo. Vamos começar.

### Ficção ou não ficção: é uma história verdadeira?

Um gênero de literatura bem conhecido é o da ficção, ou seja, uma criação imaginária, que contrasta com o gênero de não ficção, que é o relato de fatos verdadeiros. Quando pensamos em literatura muitas vezes pensamos em ficção e a literatura em Libras tem muitos exemplos disso. Porém, as pessoas acostumadas às tradições literárias de culturas como as do Brasil contemporâneo, da Europa ou dos EUA podem se surpreender com o fato de as histórias fictícias originais em Libras não serem tão difundidas quanto deveriam.

Histórias de experiências verdadeiras (também chamadas de “**Narrativas de Experiência Pessoal**” ou NEP) ou traduções de histórias fictícias de textos em português, filmes ou outros meios visuais são bastante difundidas e muitas vezes contadas de uma forma altamente estética e divertida. Por outro lado, histórias imaginárias, sobre coisas imaginárias, que acontecem com pessoas que na verdade não existem, em lugares irreais, não são tão comuns em narrativas em Libras.

Muitas crianças surdas integradas ao sistema escolar regular estudam e conhecem apenas a literatura escrita em língua portuguesa nesse contexto. Os alunos que estudam literatura em Libras aprendem frequentemente através de traduções de textos escritos originalmente em português, talvez com a ajuda de um intérprete em sala de aula. Qualquer tentativa de usar a linguagem de forma criativa e com imaginação é direcionada para o português, o que se torna um grande desafio para muitas crianças surdas e elas acabam perdendo a motivação. O resultado é que não há, atualmente, uma forte tradição de ficção original criativa em Libras.

Dito isso, há alguns excelentes exemplos da ficção original em Libras. Há uma crescente conscientização sobre a literatura em Libras, especialmente entre os surdos que estudam nas escolas bilíngues e nas faculdades que têm cursos de Letras Libras.

### Não ficção

Lembrando que um dos traços fundamentais da literatura é o uso da linguagem de maneira interessante ou estética; podemos identificar uma abundância de não ficção na literatura feita em Libras. **Oratória[[2]](#footnote-2)** é a habilidade de apresentação em público em que uma pessoa dirige um discurso a um grande grupo de pessoas. Esse tipo de discurso usa a retórica como uma forma de arte da comunidade surda. A retórica em Libras usa a linguagem especificamente para persuadir as pessoas sobre as ideias do falante, por isso ocorre em sermões, discursos, reuniões políticas ou cerimônias públicas. Essa habilidade inclui o uso de recursos de linguagem como a repetição e o ritmo para gerar emoções. Pessoas surdas com habilidade na oratória de Libras dão discursos e sermões emocionantes que são memoráveis não apenas pelo que dizem, mas pela maneira como dizem. A obra literária *[Lutas surdas](https://youtu.be/aOQx2YMj6Xc),* de Alan Henry Godinho (meio poema, meio discurso informativo), é um exemplo de um texto em Libras com foco político que usa retórica.

**Autobiografia** é outra forma de não ficção literária em que as pessoas usam uma forma de Libras em primeiro plano para contar as histórias de suas vidas. É geralmente contada como uma narrativa e há muitas narrativas de experiências pessoais contadas em Libras. O gênero de autobiografias escritas (em português brasileiro, por exemplo) cobre um longo período da vida de uma pessoa, às vezes a vida inteira até o momento da escrita, ou um período específico como a infância. Fala de muitos tópicos, mas com um foco particular no que o escritor espera que os leitores achem interessante, tais como crescer em um lugar incomum ou em um tempo em que as coisas eram diferentes ou, ainda, como as experiências de vida do autor levaram ele a se tornar um artista, surfista ou político famoso.

Müller e Karnopp (2015) fizeram um levantamento de autobiografias escritas por surdos em português. Esses textos seguem a mesma estrutura dos textos de autobiografias escritas por ouvintes, embora muitas vezes se concentrem na experiência do autor de ser surdo. Histórias autobiográficas contadas em Libras contam mais sobre um evento escolhido na vida de uma pessoa ou focam em um único tópico, como seu processo educacional ou sua experiência de trabalho. Embora a linguagem usada em autobiografias sinalizadas ou escritas por pessoas surdas possa não ser especialmente literária, essas histórias são tão centrais para as tradições narrativas da comunidade surda que devemos colocá-las firmemente entre os gêneros da literatura em Libras. São de tanta importância que às vezes a expressão “narrativas surdas” significa esse tipo de história. Conforme Vieira-Machado (2008, p. 226), “Contar suas histórias, narrar suas lembranças e memórias fazem desses narradores, autores não só de si, mas de todos que são parte do coletivo que é o movimento surdo.”

Um exemplo de narrativa de experiência pessoal surda é a de [Clóvis Albuquerque dos Santos](https://youtu.be/uP3q5kOcXxs), de Manaus, que conta sua experiência ao ir do Amazonas ao INES, no Rio de Janeiro, no início dos anos 1960. A história apresenta sinais de sua época, conta sobre lugares, atividades cotidianas, atitudes e costumes que agora mudaram e que fazem parte da história social dos surdos brasileiros.

Há uma linha tênue entre o que é “verdadeiro” e o que poderia ser verdade e muitas histórias que parecem ser “autobiográficas” são ficção, ou uma mistura de fato e ficção. Na literatura escrita, os leitores estão acostumados à ideia de que o "eu" do narrador da história não é o "eu" do autor da história. Também, entendem que esse "eu" não é o "eu" da voz interior que está lendo a história dentro da cabeça do leitor. Por exemplo, no livro clássico brasileiro *Grande Sertão: Veredas*, sabemos que o “eu” narrador é Riobaldo, o cangaceiro aposentado que é o protagonista da história. O “eu” não é o autor do livro, João Guimarães Rosa, nem o “eu” da voz que um ouvinte tem em sua mente enquanto lê. Na literatura não escrita, no entanto, é mais provável que o público pense que o “eu” que está contando a história é o mesmo “eu” que teve a experiência e o “eu” que a escreveu. Dessa forma, o contador, o personagem e o autor estão muito mais ligados, como uma única pessoa. Nas narrativas em Libras, as pessoas são muito mais propensas a supor que uma história é verdadeira e é menos claro se a narrativa da experiência pessoal aconteceu com o contador ou com alguém parecido com essa pessoa ou, ainda, se poderia ter acontecido, mas nunca aconteceu. O importante não são os fatos verdadeiros, mas os que relatam a experiência dos surdos.

A **literatura religiosa** em Libras é importante para muitos surdos. É uma área complexa para se identificar um único gênero. Muitas igrejas no Brasil fornecem intérpretes de Português-Libras nos cultos e nas orações; os sermões, hinos e textos bíblicos são traduzidos da língua portuguesa e, às vezes, são criados diretamente em Libras. As pessoas se esforçam muito ​​para traduzir literatura religiosa em Libras e esse material é abundante na internet. Grande parte é traduzida da forma mais fiel possível, seguindo os textos em português, especialmente a Bíblia ou os hinos das religiões cristãs (muitas vezes considerados gêneros literários no português brasileiro). Mas existem traduções que criam efeitos estéticos em Libras colocando a linguagem em primeiro plano. Poemas baseados em crenças religiosas podem usar recursos da Libras muito estéticos. *[O Farol da Barra](https://youtu.be/VXcKgO-jD9A),* de Maurício Barreto, é um desses exemplos. Ele também reconta histórias bíblicas tradicionais, como a intitulada [Julgar a Prostituta](https://youtu.be/SyG9yCkP_Qc), de forma muito estética e visual, através do VV (veja a seguir a discussão sobre VV). Podemos também recontar as histórias e adaptá-las para que haja um surdo nelas, o que permite que o público surdo sinta uma maior conexão com o texto.

Além das categorias de ficção e não ficção, existem outros gêneros fundamentais na literatura em Libras. Vale lembrar que eles são determinados pelo seu conteúdo, sua forma e origem ou pelo público (BAHAN, 2006). Os exemplos aqui não são exaustivos, mas mostram uma ampla gama dos gêneros em Libras. A seguir, vamos nos dedicar aos gêneros definidos a partir da forma e, no próximo capítulo, estudaremos aqueles determinados pelo seu conteúdo, sua origem e pelo público.

## Gêneros definidos pela forma

### Poesia em Libras

Na poesia em Libras, os artistas apresentam novas ideias de novas maneiras usando formas originais da língua. O foco está na linguagem estética que, geralmente, é fortemente visual e cuidadosamente construída para maximizar o impacto dos sentidos. A forma é na maioria das vezes curta, raramente composta por mais de três minutos e normalmente com cerca de dois minutos. É visualmente muito intensa e muitas vezes o seu significado não é muito claro, de modo que o público precise se esforçar, pensar sobre a forma da linguagem para entender o significado. Assim, a linguagem é trazida para o primeiro plano (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006). Os poemas de Libras expressam e refletem a identidade surda da comunidade. Estudos da poesia em Libras mostram que essa é uma forma de arte com regras e padrões próprios que está crescendo e mudando rapidamente.

Muitas pessoas que aprenderam poesia escrita na escola estão acostumadas com a ideia da poesia lírica, na qual o “eu poético” fala de suas emoções ou de seus pontos de vista. As letras das músicas são um bom exemplo, de modo que às vezes é um desafio encontrar uma canção que não contenha morfemas na primeira pessoa em verbos, ou palavras como "eu" "meu / minha" ou "eu / mim". Há exceções, com certeza; o “eu” não está tão presente em poemas narrativos (como ocorre nas histórias contadas em poemas de cordel), poemas descritivos (como haicais) ou poemas visuais (como os de Paulo Leminski ou Augusto de Campos).

Há menos poemas líricos em Libras. Os poemas *[Meu Ser é Nordestino](https://www.youtube.com/watch?v=t4SLooMDTiw),* de Klícia Campos, e *[Lei de Libras](https://vimeo.com/267274663/87da6783f2),* por Anna Luiza Maciel e Sara Theisen Amorim, são mais parecidos com os poemas líricos, uma vez que mostram o ponto de vista do “eu” poeta. Mas já estudamos poemas como *[O Modelo do Professor Surdo](https://youtu.be/rverroKm8Bg),* de Wilson Santos Silva;  *[Tinder](https://vimeo.com/267275098/a1289e263e),* de Anna Luiza Maciel ou o *[Jaguadarte](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178461),* de Aulio Nóbrega, que contam ou descrevem, mas não são líricos no sentido de apresentar emoções ou sentimentos relacionados ao “eu”.

Vamos explorar a poesia em Libras nos capítulos posteriores e veremos que, dentro do gênero “poesia”, existem diferentes gêneros poéticos.

### Vernáculo Visual

O Vernáculo Visual (também conhecido como VV) é a técnica de contar histórias de uma forma muito visual sem utilizar o vocabulário de sinais. É um estilo que tem as raízes na tradição surda de contar de modo cinematográfico histórias, em que todos os personagens, a paisagem e o narrador são apresentados pelo contador. O VV não é nem exatamente Libras nem totalmente mímica. Algumas pessoas entendem que o VV foi criado pelo ator surdo americano Bernard Bragg, porém a ideia de contar histórias com sinais e gestos fortemente visuais não vem apenas dele. Bernard Bragg afirmou:

*Marcel Marceau*[[3]](#footnote-3) *me convidou para estudar mímica com ele em Paris. Eu criei uma outra técnica de performance baseada no método dele. Desenvolvi algo que chamei VV – que é uma forma de mímica. Não é uma estrutura tradicional de mímica. Eu diminuí o tamanho do quadro e utilizei técnicas de filme. Usei edições e cortes, close-ups e perspectivas de distância. Eu fui o primeiro a usar esse estilo que chamei de Vernáculo Visual por falta de um termo melhor* (NATHAN-LERNER; FEIGEL, 2009, [The Heart of the Hydrogen Jukebox](https://www.youtube.com/watch?v=aJ0Y-luT5_w) , 00:19:53, tradução nossa das legendas).

Vale a pena assistir a essa entrevista no vídeo de Nathan-Lerner e Feigel e assistir também à performance de *O Caçador e o Cão* (*The Hunter and the Dog*, em inglês, por Bragg) no trecho 00:20:26.

O poeta surdo americano Peter Cook explicou com muita clareza a diferença entre o Vernáculo Visual e o uso de classificadores em línguas de sinais. Nessa explicação, ele mostra também elementos de mímica (ver o capítulo 10), um pouco diferentes da definição de Bragg. Vale a pena assistir ao vídeo curto [O vernáculo visual e o uso de classificadores em línguas de sinais](https://youtu.be/lfNVeK-24cA), de Peter Cook (ele usa uma mistura de ASL, Libras e sinais internacionais, mas quem conhece a Libras é capaz de entender).

*Os classificadores pertencem à linguística. O VV, por outro lado, é como a atuação no teatro. É uma técnica de teatro. Existe uma escala entre os dois. Numa extremidade da escala temos os classificadores. Com os classificadores, por exemplo, eu posso mostrar uma pessoa caminhando e avançando, junto a uma expressão facial de descuido, mas o classificador significa que a pessoa está caminhando a pé. Um pouco mais na direção do VV, aumento o uso de expressão facial e o movimento do corpo. Mais próximo ao VV ainda, continuo com o classificador na mão, mas uso mais o corpo e até mexo as pernas. Finalmente, na extremidade da escala do VV, posso tirar o classificador e usar os braços, as mãos e até as pernas e os pés para mostrar o verdadeiro corpo do personagem caminhando. Assim, temos uma escala e podemos escolher o que queremos de qualquer ponto dessa escala. Mas a extremidade de VV não é linguística e na extremidade linguística temos os classificadores. São bastante diferentes, mas há muita flexibilidade onde podemos escolher os sinais nos pontos da escala.*

O *[Jaguadarte](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178461),* de Aulio Nóbrega, e *[O Modelo do Professor Surdo](https://youtu.be/rverroKm8Bg),* de Wilson Santos, são dois exemplos de VV (bastante diferentes nos tópicos e nos modos de apresentação).

### Histórias delimitadas

Os poemas de Libras são cuidadosamente construídos e seguem regras ou restrições estritas, mas também há histórias cuja forma é limitada por regras que estão fora da estrutura da história, especialmente pelas configurações de mão.

*Histórias ABC* são um exemplo de histórias delimitadas. Susan Rutherford (1993, p. 68) relata que as *histórias ABC* existiam nos EUA no início do século XX. Embora tenham sido desenvolvidas na América do Norte, hoje são cada vez mais comuns no Brasil. O artista de Libras Nelson Pimenta estudou com poetas e artistas de ASL nos EUA e publicou sua obra "O Pintor de A a Z" em Libras, em 1999. Essa história e o conceito geral das *histórias ABC* foram ensinados em todo o Brasil nos primeiros cursos de Letras Libras em 2006 e 2008 e agora são amplamente vistos como entretenimento e como uma ferramenta de ensino de Libras como primeira e segunda línguas.

Nas *histórias ABC*, cada sinal sucessivo usa a forma de letras do alfabeto manual, de A até Z. Usar sinais com a configuração de mão certa é mais importante que a trama em si, embora a história deva fazer sentido. Rutherford menciona que muitas dessas histórias eram tradicionalmente feitas por adolescentes, então, grande parte delas têm tópicos tabus que apelam para sua faixa etária, como sexo e drogas, ou qualquer outro assunto, desde que seja parte de uma experiência surda.

[*Arrumar, Passear*](https://youtu.be/uciVF5oMqkc), de Jéssie Rezende, é uma *história ABC* feminina. A história é contada por classificadores – alguns representando instrumentos, outros objetos inteiros e outros a manipulação do objeto - e a contadora sempre usa o corpo como sujeito, incorporando a mulher que se arruma. A história tem um enredo simples, mas coerente, em que a mulher se arruma, se veste, ajeita os cabelos, se maquia etc., terminando com a escolha da bolsa antes de sair de casa. Tem um ritmo destacado e muita simetria nos sinais, criando uma narrativa com muitos elementos poéticos.

Embora as *histórias ABC* sejam geralmente categorizadas como "histórias", porque elas frequentemente têm ação, elementos não manuais e mudança de papéis, sua forma disciplinada e restrita as tornam mais próxima de poemas. Peters (2000), no entanto, duvida que as *histórias ABC* sejam histórias, poemas ou mesmo peças de teatro. Talvez sejam os três, ou talvez elas pertençam a sua própria categoria.

Um exemplo de uma história desse tipo, que mostra essa mistura de gêneros, encontra-se no filme [Mãos em Fúrias](https://youtu.be/8sYWSq2pwhg" \t "_blank), por Eduardo Tótoli, Luciano Canesso Dyniewicz, Elissane Zimmerman Dyniewicz e Carlos Alexandre Silvestri, dirigido por Giuliano Robert. Esse filme de curta metragem mistura os elementos linguísticos de narração, teatro e filmagem para criar um efeito emocional muito forte. No filme, o protagonista surdo sonha que está atirando em ouvintes que fazem *bullying* com ele, e acorda assustado. Como todas as *histórias de ABC*, o filme segue bem a ordem alfabética de A a Z, mas usa diversos recursos que vão além de uma simples apresentação em Libras.

Há alguns sinais no filme que usam as configurações de mãos das letras. Por exemplo, surdo usa a configuração de mão de G, mudar-ideia usa a configuração de mão (e o movimento) de H e dor usa a configuração de mão de T. Também, conforme a tradição das *histórias ABC*, existem sinais que usam as configurações de mãos das letras em classificadores como instrumentos. Por exemplo, as configurações em L, N e Q mostram a arma na mão a partir de diversas perspectivas. Configurações de mão de classificadores entidades de objetos inteiros também fazem parte da história, mas nesses exemplos vemos a mescla de linguagem e a parte mais fílmica e de edição, porque vemos os objetos reais também. Na letra B, por exemplo, as mãos mostram as portas do elevador abrindo, enquanto vemos as portas verdadeiras; a mão que mostra a letra M cria uma configuração de mão num classificador de três pessoas avançando juntas, enquanto vemos as reais pernas das pessoas, desfocadas no fundo, avançando até ficarem em foco. A configuração de mão da letra O cria o contorno do cano da arma, num círculo que mostra o ponto de vista da bala dentro do cano - uma perspectiva conhecida pelo público de filmes hoje, mas impossível de se mostrar apenas em sinais. O outro uso da letra O também mostra o contorno da bala, porém, usando um recurso mais teatral, esse sinal é feito pelo ator no papel da vítima atingida pelo projétil, e não pelo personagem principal.

Os elementos de teatro são também vistos nos classificadores em que o protagonista toca ou manipula os objetos. A configuração de mão de A realmente aperta o botão do elevador, a configuração de mão em C realmente puxa uma cadeira e as configurações de mão D, E, F, I e J mexem com um pó que entendemos ser alguma droga. A configuração de mão em Z toca o corpo do sinalizante de uma forma linguística normal, mas a de U empurra a testa de um outro ator. Finalmente, vemos algumas letras que vão além da língua de sinais e não são feitas pelo alfabeto manual da Libras, mas pelas imagens do teatro. As letras W, X e Y são criadas pelos braços, pelas pernas e pelo corpo dos atores no papel das vítimas no sonho.

O artista também pode criar um conto usando as formas manuais de letras de uma palavra na linguagem escrita. Essas histórias são frequentemente usadas para fins de ensino e são uma forma importante de desenvolver a consciência da linguagem. Por exemplo, um aluno na escola ou um estudante de Libras pode escolher uma pessoa famosa na comunidade surda e descrevê-la usando sinais da forma de cada uma das letras do nome da pessoa. As histórias também são usadas ​​em eventos que celebram uma pessoa, como em um aniversário; em um evento comemorativo diverso ou até mesmo em um velório.

As *histórias numéricas* seguem uma ideia semelhante à das *histórias ABC* e são limitadas pelas formas das mãos dos números, que geralmente são realizadas de 0 (ou 1) a 10 e, às vezes, de trás para frente ou em ordem crescente e decrescente na mesma história. Há muito mais histórias desse tipo na internet. Maurício Barreto criou [uma história de números](https://youtu.be/ad8k-rIq7Sw) em Libras falando de um tiroteio que vai de 0 a 10 e de volta para o 0. As histórias [Pássaro (números](https://vimeo.com/showcase/6241328/video/348080802)) e [Animais (números](https://vimeo.com/showcase/6241328/video/348189766)), de Juliana Lohn, são direcionadas a surdos muito jovens.

As histórias com uma configuração de mão são limitadas justamente pela regra que diz que se deve usar apenas uma única configuração de mão. O texto *[V & V](https://vimeo.com/325444221)*, de Fernanda Machado, é um exemplo. Ela usa somente a configuração de mão na forma V. É importante notar que algumas configurações de mão são mais comuns em Libras do que outras. Histórias contadas apenas com sinais que usam a mão com todos os cinco dedos esticados são relativamente fáceis de fazer, mas a forma de "ILY" (veja a tabela na seção *Convenções,* no início do livro) é rara e muito mais difícil de ser usada para criar uma história. Essas histórias exigem o uso extensivo de elementos não manuais para as passagens que normalmente utilizam outra configuração de mão.

Nos casos em que é muito difícil manter as limitações do gênero, podemos “flexibilizar as regras” e criar sinais não existentes com determinada configuração de mão. *A [Leoa Guerreira](https://youtu.be/rfnKoCXmSg4)*, de Vanessa Lima, é um exemplo, pois usa muitas vezes as mãos abertas em garras até para sinais como surdo e desistir, que usam originalmente outras configurações.

## Resumo

Nesse capítulo, vimos exemplos de diferentes gêneros de literatura em Libras. Entendemos que não há apenas uma maneira de dividir os gêneros, mas sabemos que existem gêneros de literatura surda produzidos em português e em Libras que são de ficção e outros que são de não ficção. Pensando sobre alguns gêneros delimitados pela forma das obras, destacamos como exemplos de poemas o Vernáculo Visual e as histórias delimitadas. No próximo capítulo veremos outros tipos de gêneros em Libras.

## Atividade

1. Assista a três histórias delimitadas em Libras. Quais são as regras que delimitam a história?

2. Crie sua própria história delimitada:

a) crie uma história de ABC;

b) crie uma história de números que vai de 1 a 9; e

c) crie uma história com **uma** configuração de mão.

Quais os desafios que você encontrou na criação dessas histórias?

# Gêneros: definidos pela origem, pelo conteúdo e pelo público

## Objetivo

No capítulo anterior, refletimos sobre a divisão de gêneros com base na ideia de ficção e não ficção e com base na forma da literatura. Neste capítulo, vamos considerar mais alguns exemplos de literatura em Libras e ver outras maneiras de categorizar a sua linguagem estética.

Neste capítulo falaremos sobre os seguintes vídeos:

*[A Pedra Rolada](https://youtu.be/kPXWu5UCTzk),* deSandro Pereira.

*[Cinco Sentidos](https://youtu.be/xmOnY1B2jEI),* de Nelson Pimenta.

[Coleção de narrativas didáticas curtas](https://vimeo.com/showcase/6241328), de Marina Teles.

*[Five Senses](https://youtu.be/-qLcuxfdoYY),* de Paul Scott.

*[Hino Nacional](https://youtu.be/jHfBUvskvbw),* de Bruno Ramos.

[Coleção de Mãos Aventureiras](https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/), de Carolina Hessel.

*[O símbolo do Olodum](https://youtu.be/_jhW0K4NN0A),* de Priscila Leonnor.

*[Vagalume](https://www.youtube.com/watch?v=JG8xrh1az_g),* de Tom Min Alves.

*[X Men Apocalipse, Mercúrio](https://youtu.be/Yh_qXzHYkfs),* de Cézar Pedrosa de Oliveira.

## Gênero definido pela origem

Ao considerar as categorias de uma forma de arte de Libras fortemente ligada à cultura surda, precisamos nos perguntar: de onde veio essa literatura? Sua origem está na communidade e na cultura dos ouvintes ou no mundo surdo? Surgiu no Brasil ou em outro país? Foi criada por um autor conhecido ou faz parte da literatura em Libras que a comunidade vê como parte de seu próprio folclore?

### Folclore

Folclore é o termo coletivo dado às tradições, aos costumes, aos rituais e às formas de expressar a experiência de um grupo particular. Esses costumes são passados às novas gerações por meio de histórias, poemas, piadas ou outros usos de linguagem; normalmente, não são escritos e não têm um autor conhecido (DUNDES, 1965). A palavra portuguesa “folclore” vem da inglesa “folklore”. “Folk” significa “povo” e esse povo inclui qualquer pessoa de uma comunidade com uma cultura própria. O “lore” está relacionado ao conhecimento da comunidade. Então, o folclore é caracterizado em termos de origem (não sabemos quem o criou), forma (geralmente tem muita repetição e rimas simples, por exemplo), transmissão (é principalmente não escrito) e função (normalmente é usado para educar e entreter, também para fortalecer a identidade da comunidade).

As piadas em Libras são um ótimo exemplo de folclore porque não sabemos quem as criou. Essas narrativas curtas com um desfecho engraçado simplesmente “surgem” sem autor, têm uma estrutura convencional, muitas vezes com repetição, são transmitidas sem registro formal e funcionam para entreter, mas muitas vezes também para educar a comunidade sobre regras de comportamento. Também, utilizam muitos elementos linguísticos que vemos em outros gêneros de literatura surda como poesia e narrativas não humorísticas. Vamos falar mais de piadas surdas no capítulo 12, mas, por enquanto, podemos destacar uma das piadas mais conhecidas da comunidade surda, que trata da árvore surda.

Um lenhador corta uma árvore. Ele grita: “madeira!”, e a árvore cai. Um outro dia ele corta mais uma árvore e grita: “madeira!”, mas ela não cai. Então ele chama um médico, que faz alguns exames, relata que a árvore é surda e orienta o lenhador a aprender a língua de sinais. O lenhador vai à associação de surdos e aprende Libras. Depois, ele volta à floresta e soletra M-A-D-E-I-R-A e a árvore cai.

Em muitas culturas é impossível separar os conceitos “folclore” e “literatura”, porque os textos que chamamos de literatura contém elementos oriundos dos textos que chamamos de folclore. Talvez essa seja uma divisão meramente artificial e ligada ao poder social, imaginando-se que a literatura é para as pessoas cultas e o folclore é para o restante do povo. Essa não é uma distinção que achamos útil no caso da literatura em Libras.

O folclore linguístico inclui jogos da língua e piadas, gestos convencionais, comentários frente a atos de excreção do corpo (ex: arrotos, gases e espirros), mitos, lendas, narrativas populares, provérbios, insultos, provocações, trava-línguas, formas de saudação e despedida, nomes (de lugares e de pessoas, incluindo apelidos) e poesia popular (por exemplo, poesias tradicionais para crianças e canções infantis)[[4]](#footnote-4). Tudo isso é visto em Libras, mas faltam ainda pesquisas sistemáticas sobre esse tipo de folclore em língua brasileira de sinais. Certamente, a cultura surda tem muitos exemplos de folclore linguístico em Libras, sendo uma mistura rica da cultura brasileira com a cultura surda. Por isso, podemos dizer que o folclore da Libras faz parte da literatura surda baseada na sua origem, ou seja, de dentro da comunidade surda brasileira.

### Histórias traduzidas

Embora muito da literatura em Libras tenha sua origem no folclore da comunidade surda brasileira, veremos no capítulo 22 que grande parte dela vem de fora e foi trazida através da tradução. Assim, podemos descrever um gênero de “Literatura em Tradução”.

As traduções de livros de outras línguas para o português são muito comuns no Brasil, por isso existem gêneros reconhecidos como “literatura francesa em português” ou “literatura inglesa em português”. No entanto, a tradução da literatura de outras línguas de sinais para Libras ainda é incomum, embora existam alguns exemplos importantes. O conto de Libras de Nelson Pimenta chamado [*O Passarinho Diferente*](https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/203685) (aliás, notável por ser atipicamente longo – com quase meia hora de duração) é uma tradução de uma história da ASL, *Bird of a Different Feather*, atribuída a Ben Bahan. Da mesma forma, seu poema [*Cinco Sentidos*](https://www.youtube.com/watch?v=xmOnY1B2jEI&t=10s) é traduzido de um poema em BSL, *[Five Senses](https://youtu.be/-qLcuxfdoYY)*, de Paul Scott. Sandro Pereira traduziu *Ball Story*, de Ben Bahan, para Libras como *[A Pedra Rolada](https://youtu.be/kPXWu5UCTzk)*. Quanto mais crescer o contato e a troca de ideias entre artistas de língua de sinais em diferentes comunidades surdas, mais essas traduções aumentarão.  
  
 Muitos textos traduzidos na literatura em Libras vêm de textos escritos em português. São frequentemente voltados para a educação e traduções de clássicos de autores como Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. Exemplos incluem, ainda, *Iracema* (de José de Alencar, 2002), *O velho da horta* (de Gil Vicente, 2004), *O Alienista* (de Machado de Assis, 2004), *O Caso da Vara* (de Machado de Assis, 2005)[[5]](#footnote-5). São feitas para dar acesso ao conteúdo dos textos escritos, muito importante para o aluno surdo (SPOONER, 2016), porém poucos surdos adultos procuram espontaneamente essas traduções por prazer e diversão.

Existem histórias infantis que fazem parte do folclore da sociedade ouvinte, que são **adaptadas** como parte do processo de tradução com o objetivo de incluir personagens surdos e a Libras. As adaptações são recentes e, no passado, algumas pessoas não achavam certo alterar textos, preferindo respeitar a forma original deles. No século XXI, no entanto, algumas traduções em Libras acrescentaram adaptações. Por exemplo, Hessel, Karnopp e Rosa (2003) criaram a *Rapunzel Surda*, que aprende Libras com um príncipe surdo; e a *Cinderela Surda*, que perde sua luva (as luvas são ligadas às mãos e assim são uma marca do sujeito surdo) em vez de seu sapato. Betty Lopes de Andrade (2015) descreve uma versão dos "*Três Porquinhos*" em Libras em que o lobo sinaliza tão rápido que o vento gerado por suas mãos destrói as duas primeiras casas.

Uma terceira origem da literatura sinalizada que está fora da comunidade surda é da tradução de filmes. Bahan (2006) propôs uma categoria de histórias de ASL baseadas em filmes e essas histórias também são populares em Libras. São traduções dos filmes, mas ao invés de serem realizadas entre duas línguas, elas partem de um sistema visual (a “gramática” do filme) para outro sistema visual (a língua - Libras). O conteúdo das histórias cinematográficas vem do filme (de modo que raramente descrevem a experiência específica do mundo surdo, embora os surdos possam compartilhar essa experiência), mas quem conta em Libras escolhe aqueles de ação que possibilitam a melhor recontagem visual, porque há pouco diálogo e muito movimento. A habilidade de tradução nessas histórias reside na maneira de reproduzir o impacto visual do filme em Libras por meio de classificadores e incorporação, por exemplo. A tradução de Cézar Pedrosa de Oliveira de uma seção de *[X-Men Apocalipse, Mercúrio](https://youtu.be/Yh_qXzHYkfs)* é um excelente exemplo desse tipo de tradução divertida.

## Definido pela origem e pela forma: canções

O gênero músicas em Libras é polêmico, já que não se originam dentro da cultura surda. Músicas são caracterizadas por elementos baseados mais no som, principalmente na relação entre a linguagem das letras (traduzível, até um certo ponto, de uma língua para a outra) e a música, que é basicamente uma arte sonora. As músicas sinalizadas são quase sempre traduzidas. Ao contrário de outros gêneros que se originaram fora da comunidade surda, mas que podem refletir as experiências surdas, como o cinema, o gênero musical não é naturalmente parte da experiência surda devido à estreita relação entre a letra e a música. Ter acesso à letra sem ter acesso à música pode ser frustrante para alguns surdos. Contudo, as pessoas ouvintes que conhecem Libras tendem a gostar muito da experiência de ver as letras das canções em Libras e ouvi-las simultaneamente.

Cabe ressaltar que algumas pessoas surdas podem ouvir música, especialmente com a ajuda de aparelhos de amplificação sonora ou sentir as vibrações que vêm do som. Podem também ter a memória de alguma época em que podiam ouvir mais. Na internet, ainda, é possível localizar vídeos de canções traduzidas para Libras postados por pessoas surdas. Além disso, Jonatas Medeiros, tradutor e pesquisador da Universidade Federal do Paraná – UFPR –, descreveu maneiras de traduzir a música e as letras para o público surdo, traduzindo a emoção gerada pelo sentido da canção não apenas pelo movimento rítmico do corpo do tradutor, mas através das luzes, vibrações, do movimento e da presença da multidão em um show.

Apesar das polêmicas geradas por traduções que oferecem pouca satisfação às pessoas surdas, algumas comunidades surdas têm tradições relacionadas à arte da linguagem que incluem traduções de músicas. Cynthia Peters (2000) observou que as línguas de sinais têm ritmos visuais e uma musicalidade visual que sempre estiveram associados ao corpo. Todas as pessoas batem palmas, batem os pés e dançam. Esses elementos corpóreos, frequentemente associados à música, são facilmente transferidos para a Libras. Priscila Leonnor, no poema *[O símbolo do Olodum](https://youtu.be/_jhW0K4NN0A)*, mescla a poesia em Libras com a dança do samba e os ritmos do samba-reggae com o acompanhamento sonoro e de vibrações de uma bateria. É uma produção original em Libras que mostra a identidade de uma brasileira negra e surda da Bahia, que segue muitos dos elementos utilizados nas canções traduzidas.

Uma tradução importante de música que faz parte da vida da comunidade surda brasileira é a do *Hino Nacional*. Algumas versões dele são traduções aproximadas das palavras que ele contém, enquanto outras são adaptações ou interpretações mais livres das ideias expressas nele. A versão do [Hino Nacional](https://youtu.be/jHfBUvskvbw) de Bruno Ramos é mais próxima de uma releitura e combina a apresentação da letra com técnicas de produção de vídeo, com mudanças de cores da camiseta do artista (que refletem as cores da bandeira brasileira) e diferentes imagens do patrimônio natural e histórico do Brasil.

Outras produções são feitas a partir de hinos religiosos, que são atos de adoração. Eles são traduzidos para Libras, muitas vezes, por coros e destinados para aqueles que participam de eventos religiosos, de modo que possam acessá-los, sentindo as emoções que geram, na sua própria língua. Quando os hinos são traduzidos por pessoas que conhecem os princípios poéticos da Libras, eles se tornam mais literários.

As traduções de outras músicas, particularmente da música contemporânea, são cada vez mais comuns e vídeos como esses são frequentemente publicados na internet (RIGO, 2013). Às vezes, esse último tipo de tradução é feito por surdos, mas é predominantemente realizado por ouvintes. Estes, geralmente, são aprendizes de línguas que gostam de brincar com sua nova língua e para quem a experiência de ouvir a música e ver os sinais é particularmente gratificante. Porém, também, há traduções apreciadas por muitas pessoas, surdas e ouvintes, no que diz respeito às formas poéticas da Libras e por suas técnicas de produção. Um exemplo valorizado é a tradução de *[Vagalume](https://www.youtube.com/watch?v=JG8xrh1az_g),* de Tom Min Alves (vale anotar como ele troca chapéu e camisa para refletir as mudanças entre a música mais melódica e o funk mais rítmico).

## Gênero definido pelo conteúdo

A pesquisadora Janaina Peixoto (2016) criou categorias temáticas para 70 poemas em Libras em seu corpus de análise e observou as seguintes temáticas definidas pelo conteúdo: Mundo Surdo (26), Religião (13), Datas Comemorativas (12), Amor (7), Terra Natal (4), Natureza (3) e Outras (5). As narrativas de experiência pessoal fazem parte do que Peixoto chamou de Mundo Surdo.

### Narrativas da experiência surda

Nessas histórias, as pessoas surdas narram os eventos que aconteceram nas suas vidas. Embora possamos dizer que as narrativas da experiência surda sejam literatura surda de não ficção, original ou folclore (definidas conforme a sua origem), sua principal característica é o conteúdo sobre a “experiência surda”. As narrativas podem ter a forma de histórias em prosa, poemas ou teatro, porque a forma em que elas são contadas é menos importante do que o tópico que apresentam.

É importante que ao serem contadas pela pessoa sobre si ou sobre outra pessoa, tenham um protagonista surdo e que o que aconteça na história só possa acontecer a essa pessoa porque ela é surda, ou seja, a história não aconteceria com um ouvinte. Os tópicos incluem, entre outros, a infância, as experiências do trabalho e com viagens (especialmente sobre os encontros com outras pessoas surdas nessas viagens). As narrativas sobre os encontros com pessoas ouvintes frequentemente informam o público surdo sobre os desafios da vida sofridos pelas pessoas surdas e as maneiras de superá-los. Isso transforma as histórias de experiências particulares de uma pessoa em “ Experiência Surda” de modo geral, por ser mesma realidade vivenciada por outros surdos também. Nelas, o protagonista pode ser qualquer surdo, com o qual o contador de histórias espera que o público possa se relacionar. O ponto importante é que os surdos contam essas histórias para que outras pessoas surdas possam se identificar com a experiência de vida de "alguém como eu".

## Gênero definido pelo público-alvo

O público-alvo pode designar o gênero. Por exemplo, podemos categorizar poemas adequados para jovens ou crianças. Outros são mais literários e elaborados para um público com mais experiência. Alguns são feitos para diversos níveis de público – do iniciante àquele com muita habilidade. Por isso, veremos que os gêneros literários em Libras são para todos, não apenas para uma elite de pessoas bem escolarizadas.

Obras em Libras de diferentes origens têm conteúdo e formas diferentes de acordo com o seu público-alvo. Alguns tipos de literatura em Libras são adequados para aprendizes de Libras – sendo eles adultos ou crianças, surdos ou ouvintes. Alguns são bons para pessoas com pouca escolarização e que sabem pouco sobre a literatura surda, como as apresentações de teatro em que as pessoas participam. Também temos a literatura infantil e a literatura feminina em Libras, que são parecidas de alguma maneira, destinadas aos públicos que têm características semelhantes, embora o gênero de literatura feminina seja destinado às mulheres e o de literatura infantil seja destinado às crianças.

### Literatura feminina

Nodelman (1988) destacou que a literatura infantil e a literatura feminina geralmente são parecidas. A literatura infantil se concentra na vida de pessoas (ou animais) sem poder, crianças, homens ou mulheres, que precisam lidar com uma hierarquia que os coloca no fundo. Além disso, livros infantis caracteristicamente revelam o poder dos fracos: agressores poderosos, definidos como vilões, geralmente perdem para pequenos pacifistas.

Sendo assim,

*O que aqui chamamos de (a) estética feminina acaba sendo um nome especializado para quaisquer práticas disponíveis para esses grupos - nações, gêneros, sexualidades, raças, classes - todas as práticas sociais que desejam criticar, diferenciar, derrubar as formas dominantes de conhecer e entender com as quais estão saturadas.*

Esses temas não exclusivos da literatura feminina, destinada principalmente a um público de mulheres, que é também caracterizada por histórias em que o protagonista é feminino e a maioria dos personagens é feminina, incluindo a família e os amigos. Geralmente se concentram numa protagonista feminina que enfrenta uma situação difícil que afeta a vida das mulheres. No entanto, a análise das pesquisadoras surdas americanas Christie & Wilkins (2007) sobre os conteúdos de literatura surda mostra que as mulheres falam de autobiografia, mas não apenas sobre “ser filha, ser esposa, ser mãe” (ver capítulo 21).

### Literatura infantil

A literatura infantil é um gênero definido pela faixa etária do público-alvo, destinado a crianças pequenas e crianças mais velhas. A literatura em Libras destinada aos jovens adultos é outra categoria. A idade do público-alvo determina o conteúdo e a forma da linguagem.

O gênero de literatura infantil, escrita para crianças ouvintes, tem uma longa história, com diversos contos de fadas destinados às crianças registrados no século XVII e que se expandiu principalmente na Europa do século XIX. O gênero de literatura infantil brasileira, escrita em português, começou a se consolidar apenas no início do século XX.

Desde o início do século XXI, um número crescente de histórias em Libras foi filmado e disponibilizado para alunos surdos. Como a tecnologia de vídeo se torna cada vez mais sofisticada e ao mesmo tempo acessível, há mais opções para se usar uma mistura de sinais e imagens no meio visual de contar histórias para crianças pequenas. A maioria dessas histórias é baseada em livros infantis escritos e são traduções ou recontos.

No site [Mãos Aventureiras](https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/), por exemplo, Carolina Hessel conta histórias em Libras de livros ilustrados ao redor do mundo. As histórias são apresentadas em Libras de uma forma clara e imaginativa, adequada para os mais jovens, intercaladas com ilustrações dos livros para que as crianças possam associar os sinais às imagens. O foco é na Libras, e não nas palavras escritas. Os livros escolhidos para esse site são escritos em diferentes idiomas, mas isso não é um problema para qualquer livro traduzido em Libras, se o foco for em Libras.

Para muitos ouvintes, histórias são fortemente ligadas ao objeto *livro* e muitos professores entendem que os livros são a maneira de introduzir as crianças surdas à literatura, mesmo em Libras. Quando se lê histórias de livros para crianças surdas, contando-as em Libras, isso é sempre uma tradução. Mas o uso da Libras para contar a história de um livro busca incentivar as crianças surdas a ler, que é importante na educação bilíngue. Além disso, a experiência ensina as crianças sobre a sociedade e a cultura que elas compartilham com as pessoas ouvintes.

Alguns livros de histórias são escritos especificamente para crianças surdas, com personagens surdos (KARNOPP, 2008). Esses livros fornecem imagens positivas para elas, especialmente quando os autores são surdos. Exemplos incluem *A Cigarra Surda e as Formigas*, de Carmen Elisabete de Oliveira e Jaqueline Boldo (2003), *Tibi e Joca*, de Cláudia Bisol (2001) e *O Patinho Surdo*, de Rosa e Karnopp (2005). No entanto, a maioria dos livros de histórias que uma criança surda lê ou examina contém histórias escritas para crianças ouvintes e não contém personagens surdos ou se refere à experiência específica de uma pessoa surda.

Quando as crianças pequenas são introduzidas à leitura, a esperança é de que elas descubram os prazeres e a satisfação da leitura de modo que esta se torne algo que a criança desfrute. Desejamos que as crianças aprendam a amar a leitura e as histórias contadas nos livros. No entanto, é importante que o desejo de ensinar um aluno surdo não destrua o prazer da leitura. Os adultos podem usar a leitura como uma oportunidade educacional, ajudando as crianças a aprenderem mais sobre sua língua e seu mundo, mas essa normalmente não é a perspectiva da criança. Muitos livros e muitas histórias para crianças surdas têm o objetivo explícito de ensiná-las a linguagem escrita. Precisamos que histórias em Libras direcionadas às crianças sejam vistas em textos bilíngues, onde a Libras dirija a história e que haja uma versão em português ao invés de esperar que a Libras siga o texto em português.

Infelizmente, as histórias de ficção originais criadas por surdos e contadas em Libras, sobretudo para crianças mais novas, são poucas. Para incentivar esses pequenos a desenvolverem sua própria criatividade em Libras, precisamos de mais histórias originais para complementarem as traduções. Sabemos que é difícil para muitos adultos surdos criarem essas histórias (mesmo aqueles adultos que contam histórias tradicionais em Libras fluente, muito visual e atraente às crianças surdas) quando estes também cresceram com apenas livros de autores ouvintes como seus modelos de literatura.

As crianças mais novas precisam de histórias originais em Libras com sinais simples para acompanharem a literatura. Elas gostam de magia, antropomorfismo de animais e gostam de rir de situações inesperadas ou incongruentes.[[6]](#footnote-6) Uma [coleção de narrativas didáticas curtas](https://vimeo.com/showcase/6241328) feita por Marina Teles mostra essas características. É importante para a criança surda ver personagens surdos nas narrativas originais em Libras, isso cria empatia com contextos com os quais elas podem se identificar. Elas também gostam de ver histórias com desafios a serem superados pelo personagem surdo.

As crianças maiores, os adolescentes e adultos já não acham mais interessante a magia e os animais na Libras. Histórias de ação (especialmente para os meninos) e situações mais "reais" são preferidas, mas ainda nos contextos de locais com os quais o público surdo pode se identificar. A forma da Libras já é mais complexa e criativa porque esse público já domina a língua, então o artista pode apresentar alternativas para essa forma que eles conhecem, tais como novos sinais, classificadores criativos ou elementos cinematográficos. Porém, essas pessoas mais velhas ainda gostam de ver personagens surdos na literatura para poderem experienciar a empatia e ver os desafios que o surdo define e supera.

## Resumo

Nesse capítulo, focamos em mais gêneros de literatura em Libras. Vimos que existem tipos de literatura com origem na comunidade surda brasileira que têm muito a ver com o folclore. Também vimos que a literatura vem de fora da comunidade. Pode vir por tradução e adaptação de outras comunidades surdas mundiais, da literatura escrita em português ou até de filmes e programas de televisão. Destacamos as músicas em Libras como um gênero polêmico, que de certa forma é alheio às tradições culturais da comunidade surda, mas que, por outro lado, foi adaptado para fazer parte da vida dos surdos. Definindo os gêneros por conteúdo, focamos nas narrativas de experiência surda, que podem ter qualquer forma (história, poema ou teatro), mas que sempre falam do protagonista surdo. Pensando no público, vimos que a literatura destinada às crianças surdas tem muitas formas, origens e diferentes conteúdos, mas é apresentada com objetivo de ensinar e entreter.

## Atividade

Assista à versão do Hino Nacional mencionada nesse capítulo. Apesar de ser exemplo de literatura traduzida, qual o conteúdo e quem é o seu público-alvo?

Assista a uma narrativa de experiência de pessoas surdas. O que os membros da comunidade podem aprender ao assistirem a essa narrativa? O que os ouvintes aprendizes de Libras podem aprender ao assistirem a essa narrativa?

1. Os gêneros podem categorizar outras produções culturais artísticas, também, tais como a música ou a pintura. [↑](#footnote-ref-1)
2. Destacada como um gênero de literatura em ASL pela pesquisadora americana Nancy Frishberg em 1988. [↑](#footnote-ref-2)
3. Um famoso ator mímico francês que popularizou a técnica da mímica especialmente nas décadas 1950-1970. [↑](#footnote-ref-3)
4. A lista veio de Dundes, 1965. [↑](#footnote-ref-4)
5. (http://[www.editora-arara-azul.com.br](http://www.editora-arara-azul.com.br)). [↑](#footnote-ref-5)
6. Incongruente significa sem lógica ou o que não combina, como por exemplo uma vaca de salto alto ou uma pessoa botando uma meia na mão. [↑](#footnote-ref-6)